



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES – DLA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS:
REFLEXÕES SOCIOLINGUÍSTICAS**

MIKAELLY GUIMARÃES DE LIMA OLIVEIRA

CAMPINA GRANDE – PB

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
CENTRAL – UEPB

O48v

Oliveira, Mikaelly Guimarães de Lima.

Variação linguística e o livro didático de português [manuscrito]: reflexões sociolingüísticas / Mikaelly Guimarães de Lima Oliveira. – 2012. 43f. : il. color

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Prof. Me. Manassés Morais Xavier, Departamento de Letras”.

1. Sociolinguística 2. Ensino de Língua Portuguesa 3. Livro Didático I. Título.

21. ed. CDD 306.44

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS:
REFLEXÕES SOCIOLINGUÍSTICAS**

MIKAELLY GUIMARÃES DE LIMA OLIVEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à
Coordenação do Curso de Letras – Língua Portuguesa –
da Universidade Estadual da Paraíba, como pré-
requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena
em Letras.

Orientador: Prof. Ms. Manassés Morais Xavier

CAMPINA GRANDE – PB

2012

VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA E O LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS:
REFLEXÕES SOCIOLINGÜÍSTICAS

MIKAELLY GUIMARÃES DE LIMA OLIVEIRA

BANCA EXAMINADORA:

Manassés Moraes Xavier

Prof. Ms. Manassés Moraes Xavier (UEPB)
Orientador

NOTA: 10,0

Cicero Gabriel dos Santos

Prof. Ms. Cicero Gabriel dos Santos (UEPB)
Examinador

NOTA: 10,0

Roberta Soares Paiva

Prof. Ms. Roberta Soares Paiva (UEPB)
Examinadora

NOTA: 10,0

Trabalho aprovado em: 10 de dezembro de 2012

Média: 10,0

CAMPINA GRANDE – PB

2012

A Deus, que abençoou minha vida trilhando o caminho das conquistas que devia seguir.

Aos meus pais, Adeládio e Giseuda, a meu esposo Hervsson e a meu irmão Aleff que tanto colaboraram para essa conquista.

Ao Professor Ms. Manassés Morais Xavier, meu orientador.

Nada conquistaria se vocês não estivessem presentes na minha jornada.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus que permitiu que toda essa jornada universitária acontecesse, e que ao longo não só dessa jornada, mas, de toda minha vida, foi e é o meu porto seguro, me dando coragem para trilhar esse caminho até o fim e forças para derrubar as barreiras que me apareceram. Com lágrimas dirijo a Deus minha gratidão, por tudo o que Ele tem feito e irá fazer e por tudo que sou e possuo, e ainda por ter me criado e dado um propósito a minha vida. Se não fora o Senhor que estivesse ao meu lado não teria alcançado essa meta.

A minha mãe que é uma guerreira, a sua jornada de coragem e ousadia para alcançar seus ideais serviu-me como espelho, me estimulando a não desistir e continuar a minha carreira acadêmica. Na verdade, sua perseverança foi um meio que Deus mostrou-me que eu não tinha motivos para desistir. Obrigada por seus conselhos e por sua voz, vez ou outra, impondo que eu não desistisse desse curso, e ainda obrigada pela paciência e compreensão.

Ao meu pai, que também tem um grande exemplo de vida, obrigada por tudo o que tens feito por mim, pela cooperação para que eu chegasse até aqui, por sempre ter acreditado que conseguiria ingressar na universidade, como também concluir o curso, proferindo palavras de estímulo e perseverança. Meus pais foram além de tudo meus fortalecedores através das suas orações.

Ao meu esposo, Hervsson, que durante os quatro primeiros semestres, quando ainda apenas “amigos”, foi minha dupla nos trabalhos acadêmicos, me ajudando e dando segurança em todos os aspectos, e mesmo passando a não estudar mais juntos, continuou ao meu lado por trás dos bastidores, sempre me ajudando, incentivando e me compreendendo. Você foi meu companheiro incondicional e essencial.

Ao meu irmão, Aleff, que aguentou minhas explicações acerca dos teóricos estudados, e ainda fingia compreender, por ter suportado meus momentos de estresses e tanto ter me ajudado direto e indiretamente.

Ao meu professor Manassés Moraes Xavier, foi um orientador extraordinário, agradeço por sua disponibilidade a me orientar abrindo os rumos deste trabalho, a dedicar parte do seu tempo a mim, estando sempre presente, esclarecendo minhas dúvidas e transmitindo seus conhecimentos, fazendo que meu artigo fosse satisfatoriamente produzido. Muito obrigada pela compreensão, confiança e estímulo para o desenvolvimento deste trabalho. Estendo esse agradecimento aos professores Roberta Soares e Cícero Gabriel pela leitura examinadora realizada.

Agradeço aos meus familiares que acreditaram no valor do meu estudo e do meu trabalho me ajudando no que foi necessário, a todos os meus professores que transmitiram seus conhecimentos fazendo chegar aonde cheguei, aos amigos que contribuíram para meu futuro profissional. Enfim, a todos que contribuíram para que eu pudesse alcançar essa vitória.

Linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano. A história da humanidade é a história de seres organizados em sociedades e detentores de um sistema de comunicação oral, ou seja, de uma língua. Efetivamente, a relação entre linguagem e sociedade não é posta em dúvida por ninguém, e não deveria estar ausente, portanto, das reflexões sobre o fenômeno linguístico.

(ALKMIM, 2006)

RESUMO

O presente trabalho, de natureza qualitativa, se vincula ao tipo de pesquisa documental observando como as variedades linguísticas são abordadas no livro didático de Português. Este estudo nasce pela necessidade de reconhecer a variedade linguística existente no país que, cultural e historicamente, de forma preconceituosa tem sido desprestigiada e desconsiderada. Partimos do princípio de que o ensino de Língua Portuguesa, nas últimas décadas do século XX e nos primeiros anos do século XXI, passou por transformações consideráveis. À luz das novas teorias, denominadas de sociointeracionistas, a língua, objeto do nosso estudo, não pode mais ser vista apenas como estrutura, pois é através dela que o sujeito interage com o mundo. Neste sentido, tendo como *corpus* de análise o livro didático de Português do 6º ano “Linguagens e Textos”, com autoria de Hermínio Sargentim, publicado pela Editora Nacional, no ano de 2009, podemos destacar como objetivo geral da pesquisa analisar – do manual do professor ao apresentado no livro – o trato dado ao fenômeno da variação linguística. Os resultados apontam que, no tocante ao manual do professor, são fornecidas orientações que convidam a utilização pedagógica de métodos que despertem a reflexão sobre o uso da linguagem com suas variantes, deixando de lado métodos tradicionais, inclusive, de constrangimentos no uso da língua, o que gera o preconceito linguístico. No que concerne ao apresentado no livro, também verificamos um direcionamento que estimula a utilização das variedades nas metodologias de ensino de língua. Tais resultados nos possibilitam afirmar a considerável influência da concepção sociointeracionista da linguagem no livro didático analisado. Do ponto de vista teórico tivemos contribuições de estudiosos como Alkmim (2006), Bagno (2002, 2001, 2000), Bronckart (2008, 2006, 1999), Geraldi (1997), Castilho (2010), dentre outros.

Palavras-chave: Sociolinguística, Livro Didático de Português, Variação linguística.

ABSTRACT

The present work is qualitative, linked to the type of research observing how language varieties are covered in Portuguese textbooks. This study is born by the need to recognize the linguistic diversity that exists in the country, culturally and historically, with prejudice has been discredited and disregarded. We assume that the teaching of Portuguese language, in the last decades of the twentieth century and early twenty-first century, underwent considerable transformations. In the light of new theories, called socio interactionists, language, object of our study, can no longer be seen only as a structure, it is through her that the subject interacts with the world. In this sense, with the *corpus* analysis of the 6th year Portuguese textbook “*Linguagens e Textos*”, written by Hermínio Sargentim, published by the *Editora Nacional*, in 2009, we highlight the general objective of the research examine – from the teacher’s manual to the stated on the textbook – the treatment given to the phenomenon of linguistic variation. The results indicate that, with regard to the teacher's manual, guidelines are provided that encourage the use of teaching methods that stimulate consideration on the use of language with its variants, leaving aside traditional methods, even constraints on the use of language, which generates linguistic bias. With regard to the one presented in the book also found a direction that encourages the use of varieties in language teaching methodologies. These results allow us to affirm the considerable influence of social interactionist conception of language in the analyzed textbook. From the theoretical point of view we had contributions of researchers such as Alkmim (2006), Bagno (2002, 2001, 2000), Bronckart (2008, 2006, 1999), Geraldi (1997), Castilho (2010), among others.

Keywords: Sociolinguistics, Portuguese Textbook, Linguistic Variation.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01.....	23
FIGURA 02.....	23
FIGURA 03.....	24
FIGURA 04.....	25
FIGURA 05.....	25
FIGURA 06.....	26
FIGURA 07.....	27
FIGURA 08.....	28
FIGURA 09.....	28
FIGURA 10.....	29
FIGURA 11.....	31
FIGURA 12.....	34
FIGURA 13.....	34
FIGURA 14.....	35
FIGURA 15.....	36
FIGURA 16.....	37
FIGURA 17.....	37
FIGURA 18.....	38
FIGURA 19.....	38

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO II REFLEXÕES SOCIOLINGUÍSTICAS.....	12
2.1 O que é sociolinguística?.....	12
2.2 Variações Linguísticas.....	14
2.3 Preconceitos Linguístico.....	16
2.4 As variações linguísticas no contexto escolar.....	18
2.5 Variação e escola: diálogos possíveis.....	19
2.6 O Interacionismo Sociodiscursivo – o ISD.....	21
CAPÍTULO III CONSIDERAÇÕES ACERCA DA ANÁLISE DOS DADOS	23
3.1 Um olhar sobre o manual do professor – a <i>etapa de planejamento</i>	23
3.2 Um olhar sobre o livro didático – a <i>etapa de apresentação</i>	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	42

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de natureza qualitativa se vincula ao tipo de pesquisa documental (GIL, 2010) observando como as variedades linguísticas são abordadas no livro didático de português. Este estudo nasce pela necessidade de reconhecer a variedade linguística existente no país que, cultural e historicamente, de forma preconceituosa tem sido desprestigiada e desconsiderada.

Esta é uma questão a ser tomada como estudo e com intensa ênfase, pois toca no ápice do interacionismo na sociedade, a linguagem foi e torna a ser o modo de interação com o meio. Seu desenvolvimento dialoga com uma extensa rede de significados, resultantes de experiências de natureza subjetiva e social de uma comunidade.

É por meio da linguagem que são codificadas mensagens carregadas de informações que espontaneamente refletem a variedade linguística decorrente no país e que, justamente, são a riqueza de um povo. Diante deste contexto da linguagem, esta monografia tem como finalidade identificar como tem sido tratado o fenômeno da variação linguística nos livros didáticos e na orientação dada aos professores através dos manuais que se destinam a uma explicação.

Para tanto, fez-se necessária à realização de uma pesquisa documental, com um desenvolvimento preciso e específico através de um delineamento descritivo e explicativo que torna fundamental para os objetivos de pesquisas que se aproximam desta abordagem metodológica (GIL, 2010).

No sentido de constituirmos o *corpus* deste trabalho analisaremos o livro didático de Português do 6º ano “Linguagens e Textos”, com autoria de Hermínio Sargentim, publicado pela Editora Nacional, no ano de 2009. O critério de seleção deste livro se deu por ser um livro atual e que está sendo utilizado em uma escola privada da cidade de Campina Grande – PB. Desta forma, consideramos o livro didático de Português como um documento oficial das atividades do sistema educacional, o que ratifica a vinculação deste trabalho a uma pesquisa documental.

O que justifica o nosso interesse em pesquisar a variação linguística no livro didático de Português se sustenta pela possibilidade de pensar em metodologias de ensino de língua que são circuladas através deste suporte que, historicamente, é o único material didático utilizado pelo professor. Daí a sua importância e a relevância de investigações acadêmicas que o instituem como objetos de estudo.

Para o desenvolvimento desta pesquisa foram estabelecidas etapas, a saber: uma *etapa de planejamento* e uma de *etapa de apresentação*. A primeira equivale ao manual do professor e a segunda ao material apresentado no suporte do livro didático. Uma melhor explicação destas etapas será apresentada mais adiante. As nomenclaturas etapas de planejamento e de apresentação derivam de recentes estudos realizados no âmbito do Interacionismo Sociodiscursivo – ISD – que têm como objetivos a investigação das ações discursivas em contextos de trabalhos, no caso específico desta monografia no contexto das atividades que atravessam o trabalho docente, como assim se estabelece o uso dos livros didáticos. Dentre estes estudos recentes destacamos os trabalhos desenvolvidos pela linha de pesquisa Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, sob coordenação da Professora Dra. Regina Celi Mendes Pereira, e os desenvolvidos pela linha de pesquisa Línguas em contexto de ensino-aprendizagem do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande, sob coordenação da Professora Dra. Maria Auxiliadora Bezerra.

Sobre as questões-problema deste trabalho, a instituímos da seguinte forma: qual a concepção de linguagem é defendida no manual do professor do livro didático de português em estudo e como tal concepção é confirmada, ou não, na apresentação do livro?

Como forma de responder a estes questionamentos, elegemos como objetivos da pesquisa: GERAL – Analisar, do manual do professor ao apresentado no livro – o trato dado ao fenômeno da variação linguística; e ESPECÍFICOS – a) Desenvolver uma discussão teórica sobre a relação entre língua e sociedade, enfatizando as características da Sociolinguística Variacionista; b) Identificar a interferência da perspectiva sociointeracionista da linguagem nas duas etapas elencadas metodologicamente para a análise de dados desta pesquisa e c) Refletir sobre o ensino de língua materna tendo como referência as contribuições do interacionismo social no campo das ciências da linguagem.

Nesse momento, apresentamos a discussão que alicerça a fundamentação teórica deste trabalho.

CAPÍTULO II – REFLEXÕES SOCIOLINGUÍSTICAS

2.1 O que é sociolinguística?

A sociolinguística, segundo Willian Bright, possui como objeto de estudo a diversidade linguística, partindo para um conjunto de fatores sociais que relacionam identidade social do emissor ou falante, receptor ou ouvinte, contexto social e atitudes linguísticas. No passado, e também atualmente, subsistem concepções particulares do fenômeno linguístico em contraponto com o meio, o social, deixando em cada época teorias linguísticas referentes ao fenômeno linguístico.

De acordo com Alkmim (2006), há algumas teorias relacionadas ao fenômeno da sociolinguística que se caracteriza pela interrelação entre a sociedade e a linguagem: interrelação que representa a base da constituição do ser humano, uma vez que a história da humanidade “são pessoas organizadas em sociedade e detentores de um sistema de comunicação”. Para Saussure (1998, *apud* ALKMIM, 2006), a linguagem é apontada como natural, permitindo ao ser humano construir uma língua, considerando-a como um fato social, pois é adquirida pelos indivíduos através do convívio social. Mas, não é descartada a ideia que sem os fatores externos não poderia o homem construir uma língua, há uma distinção de uma linguística interna em contraponto com uma linguística externa, como menciona o discípulo de Saussure, Antoine Meillet: “a história da língua é inseparável da história da cultura e da sociedade” (ALKMIM, 2006, p. 24), aliando-se, assim, a uma orientação diacrônica.

Segundo Faraco (2011), a perspectiva bakhtiniana traz uma crítica à postura saussuriana, pondo a noção de comunicação social para os estudos linguísticos, criticando o princípio da homogeneidade, pois a língua é uma interação verbal realizada através da enunciação – esta perspectiva é conhecida como a Teoria Dialógica da Linguagem (BAKHTIN, 2010). Criticando, também, o princípio de homogeneidade, Jakobson (2002, *apud* ALKMIM, 2006) expõe sua visão acerca da relação da linguagem e do contexto social, destacando como central o papel da comunicação, privilegiando os aspectos funcionais da linguagem e instituindo as funções da linguagem, a saber: emotiva, conativa, poética, referencial, fática e metalinguística – papel este que os estudos da linguística sistêmico-funcionais, de Halliday, criticaram posteriormente ao fazer a releitura das funções da linguagem, definindo o entrelaçamento destas funções através do tripé ideacional, interpessoal e textual.

Cohen (1956, *apud* ALKMIM, 2006) desconsidera o que Saussure declarou em que fatores internos e externos precisam ser separados no estudo das línguas. Para Cohen (1956, *apud* ALKMIM, 2006), a relação entre linguagem e sociedade existe a partir das considerações de fatores externos topicalizando o estudo das relações entre as divisões sociais e as variações de linguagem.

Sabemos que é complexo descrever e chegar a um consenso, a uma questão exata entre linguagem e sociedade. No entanto, para a sociolinguística ser constituída foram necessárias pesquisas e estudos para chegar a posicionamentos teórico-metodológicos e analíticos que nela são abordados hoje.

Nessa vertente, em que linguagem, cultura e sociedade são consideradas fenômenos inseparáveis, linguistas e antropólogos trabalham lado a lado e, mesmo, de modo integrado. Nesse sentido, o que há de novo é a definição de uma área explicitamente voltada para o tratamento do fenômeno linguístico no contexto social no interior da linguística, animada pela atuação de linguistas e, particularmente, de estudiosos formados em campos das ciências sociais. (ALKMIN, 2006, p. 29)

Sendo assim, a sociolinguística objetiva estudar a língua falada, observada, descrita e analisada no contexto social, tendo a comunidade linguística como ponto de partida, em que as pessoas interajam compartilhando um conjunto de normas em relação aos usos linguísticos. Observando estas comunidades linguísticas, é notável a existência de diversidade e variação, nomeada pela sociolinguística da variedade linguística ou variacionista¹. Este fenômeno resulta da heterogeneidade da língua, diversidade que é vista pela sociolinguística como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico, no entanto, rejeitando o preconceito linguístico. Estas variações presentes na linguagem da sociedade também são parte de um contexto histórico, ou seja, fazem parte de mudanças temporais cronologicamente situadas (RAJAGOPALAN, 2011).

¹ Para a Sociolinguística Variacionista a principal preocupação é com a variação linguística, que ocorre segundo o meio social o qual o indivíduo está inserido. Um dos primeiros estudiosos a desenvolver um trabalho dentro desta linha de pesquisa foi o americano William Labov. Ele apresentou uma metodologia, tendo como objeto de estudo a fala, observando seu contexto e indicando ser possível sistematizar o aparente caos linguístico. Na Teoria da Variação Linguística a principal constatação é que a língua não é homogênea. Assim, existem diversas variedades em um mesmo idioma.

2.2 Variações Linguísticas

Mesmo sendo todos nós falantes da Língua Portuguesa, possuímos um caráter de linguagem com usos diferentes em decorrência da variação linguística. No entanto, pode-se observar um conjunto de variedades linguísticas em qualquer comunidade, por ter usos próprios de cada região ou classe social e, no tocante ao plano sincrônico, as variações observadas na língua resultam de diversos fatores atestados na comunidade da fala, origem geográfica, idade e diferenças quanto ao sexo.

Numa visão geral, essas variedades são descritas a partir da variação diatópica e diastrática. A primeira, a variação geográfica, que está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico em relevância a falantes de origens diferentes e a segunda, a variação social, que é relacionada com a identidade do falante, no que concerne as variações de natureza social, entre classe social, idade, sexo, situação ou contexto social. Também é observável o contexto de comunicação em que o indivíduo se adéqua a esse contexto, seja entre amigos, familiar, relacionado ao trabalho. Estas diferenças podem fazer com que a sociedade estereotipe formas adequadas de linguagem em relação ao contexto.

Essas possibilidades de diferentes usos linguísticos que resultam do contexto são conceituadas de variações estilísticas ou de registros, em que os falantes diversificam seu estilo para se adequarem ao ambiente. Tais mudanças de estilos “envolvem, naturalmente, um grau maior ou menor de reflexão, por parte do falante: o uso do estilo formal em relação ao informal requer uma atuação mais consciente” (ALKIMIN, 2006, p. 38).

Pela questão social da comunidade levanta-se ou surgem variedades na língua e, partindo desta variedade linguística, examina-se uma hierarquia dos grupos sociais, ligada a uma ordenação de valores dessas variedades consideradas superiores e inferiores como esclarece Alkimin (2006, p. 39): “uma variedade [...] vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais”, isto é, a uma verdadeira politicagem no uso e valor da língua, evidenciando-se, assim, a variedade de prestígio e não prestigiada, a variedade intitulada padrão logicamente é mais valorizada na sociedade e possui um prestígio mais acentuado para a comunidade.

A variedade prestigiada também é chamada norma culta, mas, pela compreensão de mundo que norma é a língua por excelência, original e que o indivíduo se aproxima como pode do uso desta norma, no entanto, como comentado a variedade padrão é resultado de uma atitude social perante a língua que se consolida pelos vários modos de falar numa comunidade e por normas que modelam o correto falar e escrever. E assim esse modo correto resume-se

aos hábitos linguísticos do grupo dominante na sociedade. Neste esclarecer, vale ressaltar, ainda, o que Alkimin (2006, p. 40) apresenta: “a padronização é sempre historicamente definida”. Logo, a época e o tempo determinam o que é padrão ou não.

Sendo assim, se temos a consciência de que nenhuma sociedade é homogênea, devemos ter a consciência de que a língua também não é homogênea e que a Variedade Linguística é o reflexo da variedade social, como já foi dito, e que a mesma se dá por diversos fatores: históricos, regionais, geográficos, culturais, sociais, sexuais. A lista e os fatores são muitos. É tão grande quanto for à heterogeneidade social.

Segundo Castilho (2010, p. 197),

cada uma dessas variações, por sua vez, é organizada por um conjunto de variantes, ou seja, um conjunto de usos linguísticos considerados relevantes para a caracterização de uma variedade. Com isso, entende-se por variação a manifestação concreta da língua, e por variedade a soma idealizada das variações. Se fôssemos dispor esses conceitos numa hierarquia, teríamos:

VARIANTE > VARIAÇÃO > VARIEDADE

Desse modo, é preciso considerar as múltiplas possibilidades de usos da língua, como também, as relações estabelecidas através destes usos, ou seja, as interações sociais decorrentes de tais usos.

2.3 Preconceito Linguístico

Pelo fato da língua ser dinâmica, ela está sujeita a uma constante variação. Bagno (2002) compara a língua a um rio caudaloso, longo e largo, que nunca se detém em seu curso que, na verdade, está sempre em renovação, ou seja, está sempre em movimento. A língua vive em mudança, significando que ela não é única e acabada. No entanto, impera um mito de que a língua é única e homogênea, por conta da imposição das normas gramaticais.

Sem desmerecer os estudos da gramática adjetivada de tradicional, mas o que é criticado em seu método é o modo como é abordada a variação da língua: uma questão de erro linguístico. Esta abordagem gera o preconceito linguístico: atitudes que concebem tudo que não é da ordem da tradição como “deficiência” de uso da língua.

É preciso superar esse preconceito, excluindo os mitos existentes de que português é difícil, de que brasileiros não sabem português e de que as pessoas sem instrução falam errado, uma vez que “toda língua é adequada à comunidade que a utiliza, é um sistema completo que permite a um povo exprimir o mundo físico e simbólico em que vive” (ALKMIN, 2006, p. 41). A língua falada deve e precisa ser reconhecida como resultado de um sistema que fornece a comunidade linguística alternativa produtiva de comunicação e de interação.

Nesse sentido, classificada como um subgrupo – justamente por uma questão de preconceito –, a língua falada é excluída dos estudos da gramática tradicional. Por que será que a gramática tradicional ignora a fala, se ela – a fala – veio antes da escrita? Faz-se necessário uma análise sobre este fato. A norma culta se preocupa com a sintaxe, ou seja, a relação que as palavras mantêm entre si e com isso deixa de fora todo universo que envolve a semântica e a pragmática. Para o Bagno (2001), é preciso rever esta concepção. A gramática tradicional é preconceituosa, não tem base científica e, nesse contexto, surgem os estudos da Linguística, que analisa as manifestações ocorridas no funcionamento da língua, considerando a fala como a verdadeira língua natural.

No sentido de esclarecer melhor a questão, o linguista enfatiza que não existe erro na língua, mas sim formas de usos diferentes, comprovando que as pessoas não são preguiçosas, mas empregam regras gramaticais diferentes. Baseado nesta realidade, o autor defende que mesmo ocorrendo diferenças gramaticais há comunicação e, assim sendo, a língua é usada com eficácia.

Em relação à norma culta, Bagno (2000) a chama de norma-padrão e afirma a existência de uma “dupla personalidade” na Língua Portuguesa: a língua ideal (a língua como

determinadas pessoas acham que deve ser) e a língua real (a língua como ela é). Para esta última, o autor dá outra denominação: variedades cultas (sempre no plural, afirma), que servem para a base dos estudos da Sociolinguística, escola de estudos linguísticos que veio mostrar que toda língua muda e varia de acordo com a situação social do falante no tempo e no espaço, conforme apresentado no tópico 2.1 deste trabalho.

2.4 As variações linguísticas no contexto escolar

A intolerância linguística é um dos comportamentos sociais mais observáveis, seja na mídia, nas relações sociais cotidianas, na escola entre outros. Entretanto, o nosso estudo irá deter-se ao estudo destas variações no contexto escolar e no livro didático de Língua Portuguesa, o que não é tarefa fácil, pois a escola lugar onde deveria ser erradicada toda e qualquer manifestação do preconceito linguístico, está muitas vezes colaborando para o crescimento do mesmo, pois o que se vê, é a maioria dos professores seguindo, apenas, as diretrizes e regras da gramática normativa, desprezando, assim, qualquer variação oral dos alunos.

Segundo os PCN (1997, p. 31), “o problema do preconceito disseminado na sociedade, em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença”.

Bagno (2002) critica o uso da gramática nas aulas de Língua Portuguesa, pois professores utilizam esse material didático como se fosse um manual a ser seguido. Assim, o conhecimento de mundo dos estudantes é colocado, na maioria das vezes, em segundo plano, o que causa danos na vida escolar dos mesmos.

Sabemos que o aluno ao chegar à escola já traz internalizados inúmeros conhecimentos que adquiriu a partir de suas vivências extra-escolares, no convívio com a sociedade da qual faz parte, conhecimento estes que, na maioria dos casos, é desprezado pela escola, que não aceita tais informações como sendo uma pequena parcela de contribuição para o desenvolvimento dos saberes coletivos, desprezando toda e qualquer variação no que diz respeito à linguagem oral e suas influências sociais.

Para os PCN (1997, p. 31), “a questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação”. Daí, podemos afirmar que toda língua tem seu valor e suas variedades que atendem as necessidades de uma comunidade que as emprega. E para que esta mediação aconteça o professor deverá planejar, implementar e dirigir as atividades didáticas com o objetivo de desencadear e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno com relação a linguagem.

2.5 Variação e escola: diálogos possíveis

O que deve ser observado no contexto escolar não é considerar o aluno como não detentor do saber linguístico, mas sim acolher este estudante e mostrar-lhe que em nossa sociedade o uso adequado da língua é que vai fazer a diferença em sua vida. Neste contexto, os PCN de Língua Portuguesa(1997), esclarecem quanto ao papel da instituição.

O aluno deve ser visto como um ser social e cultural e a concepção de linguagem enfatizam as situações reais e concretas de uso linguístico como instrumento de interação social. Logo, o sujeito não é mais um ser passivo, os conteúdos devem ter um cunho participativo, dinâmico e interativo. Deste modo, como já foi dito, a escola deve preocupar-se em desenvolver a competência comunicativa dos alunos, ou ainda, ela deve desenvolver as diversas competências linguísticas dos mesmos.

Fica claro, então, que é papel da escola desenvolver, nos alunos, a capacidade de usar a língua(gem) adequada nas diversas situações de interação social, ou seja, no dia-a-dia ou em situações formais, como, por exemplo, planejamento , realizações de entrevistas, debates, seminários, diálogos com autoridades, dramatizações, no trabalho, falando com seus superiores, ou em uma turma de amigos .Conforme este conceptor de programa, cabe a escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, Trata-se de expor aos alunos situações reais de uso da fala que requerem de alguma forma uma melhor adequação da linguagem, pois é muito descabido os professores resumirem-se a “treinar” o uso mais formal da fala.

Como nos diria Bechara (1999, p. 14), “o grande objetivo é transformar o aluno num poliglota dentro de sua própria língua”. Para tanto, é aconselhável que o professor de Língua Portuguesa considere as variedades linguísticas como uma fonte de recursos de expressão, lembrando que os alunos, quando chegam à escola já usam a língua para interagir e se comunicar e que todos trazem consigo uma imensa bagagem cultural. Nestes termos, só se tem a ganhar com o estudo das variedades linguísticas, oportunizando o aprendiz a transitar pelas mais diversas situações comunicativas.

No entanto, Para Possenti (1994), “o domínio de uma língua é o resultado de práticas efetivas, significativas, contextualizadas”. Entretanto, a variedade falada pelos estudantes não deve ser considerada errada, mas sim melhorada, mostrando-lhes que todos nós devemos adequar nossa linguagem de acordo com a situação comunicativa em que momentaneamente estão inseridos.

Enfim, a questão não é de correção da forma, mas de sua adequação às circunstâncias de uso, ou seja, de utilização eficaz da linguagem: falar bem é falar adequadamente, é produzir o efeito pretendido. Portanto, cabe ao professor e a escola ensinar a língua e suas variedades, sem desvalorizar a fala do aluno, ajudando-lhe a compreender como a mesma funciona em práticas languageiras efetivas.

Segundo Chalita (2004, p. 124), “a educação escolar não pode estar desvinculada do mundo do trabalho nem da prática social, incluindo-se as experiências dos alunos e os fatos relevantes da atualidade”.

Nesses termos, é possível estabelecer um diálogo entre o sistema educacional e as práticas sociais de linguagem nas suas mais diversificadas possibilidades de uso, provocando, cada vez mais, a construção de formação emancipada, política e cidadã: objetivo principal da educação.

2.6 O Interacionismo Sociodiscursivo – o ISD

O interacionismo social e discursivo sintetiza-se por um posicionamento epistemológico e político e ainda por uma concepção das condições de desenvolvimento humano, que justamente vem das obras de Spinoza, Marx e Vygotsky. Se completa como uma proposta teórico-metodológica que compreende a existência de eixos que visam analisar e descrever aspectos relacionados ao funcionamento humano e social atravessado pelas ações de linguagem (BRONCKART, 2006).

Em relação aos objetivos do ISD, destacam-se a relevância dada ao estudo do melhoramento do modelo da arquitetura textual, o olhar científico as produções languageiras e a discussão do conceito de ação. Assim, estas ações humanas de linguagem ligadas a construções históricas e sociais vinculam-se à perspectiva social (vindas de formação coletiva) e a perspectiva subjetiva (individualização psicológica do ser humano) e são também denominadas de ações discursivas.

Compreendemos essas ações discursivas, à luz do ISD, como sendo as estratégias didático-discursivas utilizadas pelos sujeitos envolvidos nos eventos de comunicação por eles vivenciados: no caso do *corpus* desta pesquisa nos momentos situados de interação do manual do professor e do livro propriamente dito.

Esse conceito de ação discursiva, que embasa as análises feitas nesta pesquisa, comunga com a ideia de Humboldt (1974, *apud* BRONCKART, 2008, p. 71) para quem a linguagem enquanto ação só existe

nas práticas verbais, nesse agir “dirigido a”, que é *discurso*. Daí deriva sua célebre afirmação de que a linguagem-língua é da ordem da *energeia* aristotélica: “em si mesma, a língua não é uma obra feita [*ergon*], é uma atividade que se está fazendo [*energeia*].

A ideia acima mostra a nossa proposta de análise em enxergar a ação discursiva como uma atividade social de linguagem, permeada pelo uso de estratégias de negociação e convencimento que refletem, por sua vez, as concepções de trabalho e de mundo dos sujeitos implicados, isto é, evidenciam as expectativas e as experiências de sujeitos humanos (re)vestidos de crenças e valores construídos no social (BRONCKART, 1999).

Nesse sentido, para a análise de dados desse estudo selecionamos duas ações que perpassam o contexto de ensino-aprendizagem no tocante ao livro didático, a saber: o manual didático, entendido nesta pesquisa como a *etapa de planejamento*: ações estabelecidas entre autores dos livros – de modo geral – e professores que evidenciam as filiações teórico-metodológicas, no nosso caso, do autor do documento em análise neste trabalho. Esta etapa é reconhecida por nós como essencial para adquirir resultados proveitosos na *etapa de apresentação*, isto é, o material apresentado já na/no condição/suporte de livro: a segunda ação metodologicamente analisada na presente pesquisa. Desta forma, dois momentos específicos e situados de ações comunicativas delineiam/orientam o nosso olhar para o *corpus* neste trabalho: o manual do professor e o próprio livro didático².

² Sugerimos a leitura, na íntegra, do texto de Xavier (2012) elencado nas referências deste trabalho. No referido texto há um estudo aprofundado sobre estes dois momentos específicos e situados no contexto das práticas de ensino relacionadas ao uso do livro didático de português, a saber: o manual do professor e o próprio livro didático. Discussão que, inclusive, norteou a forma como apresentamos a organização da análise de dados do presente trabalho de conclusão de curso.

CAPÍTULO III – CONSIDERAÇÕES ACERCA DA ANÁLISE DOS DADOS

3.1 Um olhar sobre o manual do professor – a *etapa de planejamento*

Iniciaremos nossa análise observando a concepção de linguagem contida no manual do professor, conforme segue a figura a seguir:

FIGURA 01

Acreditamos que a linguagem não é uma abstração nem se resume a uma língua. Trata-se do lugar em que as ideologias se manifestam. Logo, como se percebe nas atividades aqui propostas, não estudamos a comunicação como algo neutro, inocente e natural. O humano, em sua necessidade de mediação com o meio, precisa da linguagem, isto é, dos aspectos sociais que envolvem a construção do sentido. Por natureza, trata-se de uma prática social que se aprende e que se desenvolve em situações de partilha.

(Manual do professor, 2009, p. 03)

O livro didático apresenta a linguagem como necessária para a integração com o meio, confirmando o posicionamento de Alkmin (2006) para quem a linguagem e a sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável, ao ponto de constituir a base do ser humano.

É partindo do pensamento entre língua e sociedade que o manual defende e especifica o valor da língua, em que antes era visto com um mero código que representava o pensamento do autor, mas, hoje está presente na coleção “Linguagens e Textos” domínios que convidam o professor e o aluno para refletirem na língua como um instrumento dialógico.

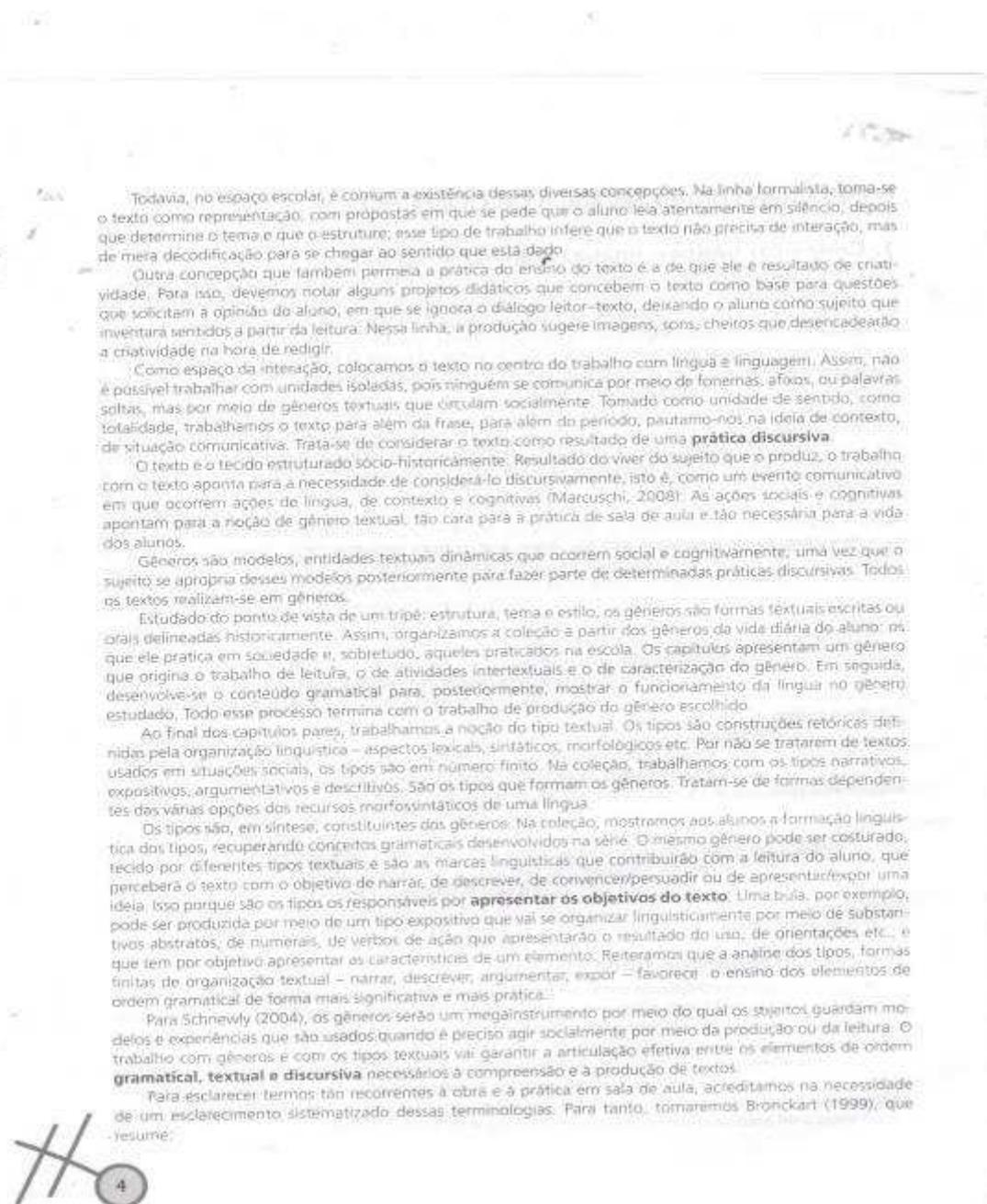
FIGURA 02

Nesta coleção, entretanto, cremos que a noção de língua adotada deva contribuir com a participação efetiva do aluno no mundo letrado e isso só ocorrerá pelo domínio desse conceito. Assim, **a língua é entendida como interação, como instrumento dialógico**. Ficará claro no desenvolvimento das atividades que, ao leitor, cabe interagir com o texto, buscar informações contextuais, recuperar seus conhecimentos e experiências. A língua está à serviço do leitor que, em uma postura ativa, recupera as sinalizações dadas para construir o sentido do texto.

(Manual do professor, 2009, p. 03)

É verificado no manual que há uma perspectiva de linguagem sociointeracionista em que a língua deixa de ser código ou apenas estrutura e passa a ser concebida como interação entre o homem e sociedade: “é pelo o exercício da linguagem pela a utilização da língua que o homem constrói sua relação com a natureza e com os outros homens” (ALKMIM, 2006, p. 26).

FIGURA 03



(Manual do professor, 2009, p. 04)

Na Figura 03, o manual ainda enfatiza a importância da língua e da linguagem para o texto e também trata sua relação, expondo esse processo ao professor. Porém, tratando como uma unidade comunicativa e ainda apontando o que diz Marcuschi (2008), o que comprova a interferência de teorias sociointeracionistas na produção do manual, vinculando-o a propostas contemporâneas de ensino de língua que traduzem a necessidade de uma postura cada vez mais reflexiva e centrada em contextos historicamente específicos de comunicação e interação, como nos mostra a próxima figura.

FIGURA 04

O texto é o tecido estruturado sócio-historicamente. Resultado do viver do sujeito que o produz, o trabalho com o texto aponta para a necessidade de considerá-lo discursivamente, isto é, como um evento comunicativo em que ocorrem ações de língua, de contexto e cognitivas (Marcuschi, 2008). As ações sociais e cognitivas apontam para a noção de gênero textual, tão cara para a prática de sala de aula e tão necessária para a vida dos alunos.

(Manual do professor, 2009, p. 04)

Assim, resultando das ações sociais e cognitivas, o “gênero textual” também é considerado uma forma de linguagem que se adéqua a noção de variação, de estilo ou estilística, como expõe Alkmin (2006, p. 38): “os falantes diversificam sua fala – isto é, usam estilos ou registros distintos – em função das circunstâncias em que ocorrem suas interações verbais”.

No manual é apresentada como é estudado essa noção, relevando a importância e o funcionamento da língua no gênero.

FIGURA 05

Estudado do ponto de vista de um tripé: estrutura, tema e estilo, os gêneros são formas textuais escritas ou orais delineadas historicamente. Assim, organizamos a coleção a partir dos gêneros da vida diária do aluno: os que ele pratica em sociedade e, sobretudo, aqueles praticados na escola. Os capítulos apresentam um gênero que origina o trabalho de leitura, o de atividades intertextuais e o de caracterização do gênero. Em seguida, desenvolve-se o conteúdo gramatical para, posteriormente, mostrar o funcionamento da língua no gênero estudado. Todo esse processo termina com o trabalho de produção do gênero escolhido.

(Manual do professor, 2009, p. 04)

É possível, linguisticamente falando, identificar a concepção sociointeracionista de linguagem no manual do professor no que concerne a prática social que imprime o uso contextualizado de gêneros:

FIGURA 06

4. Falar para: oralidade sob a perspectiva sociointeracionista

Para cada contexto comunicativo existe um gênero mais adequado que outro e, para a prática do oral, não é diferente. Para produzir, portanto, o sujeito tem um saber social que o orienta de acordo com suas intenções a escolher o melhor texto para a situação. Claro está, pelo que foi desenvolvido até o momento, que esses gêneros vão sendo assimilados pelo sujeito na interação comunicativa e são fenômenos sociointerativos.



(Manual do professor, 2009, p. 13)

O manual condiciona o professor a abandonar uma postura teórica tradicional, como a que defende a existência de uma “variedade linguística melhor do que outra”. É, justamente, a posição teórica do professor, segundo o manual, que irá mudar o foco de ensino de língua, através da interação entre o professor e o aluno. Neste sentido, é repassada ao professor uma missão diferente da que era frequente nas aulas de Língua Portuguesa – a de, apenas, oferecer uma estudo linguístico pautado na tradição ou numa postura homogênea de língua.

Bagno (2002) coloca em evidência equívocos presentes nas aulas de Língua Portuguesa, indagando o que seria ensinar a língua portuguesa e o que se espera alcançar com “nossa prática na sala de aula?”. O autor discute a questão do ensino excessivo da gramática normativa, da obsessão terminológica, da paranoia classificatória e do apego a nomenclatura. Na visão deste estudioso, nada desses fatores influi para formar um bom usuário da língua.

À luz dessa perspectiva, cabe a nós professores levar nossos alunos a se constituírem “bons motoristas da língua”, ou seja, conhecer a língua. Desta maneira, é preciso que a aproximação ao conhecimento da língua não seja a partir de equívocos quanto ao uso das gramáticas que levam o aluno conhecerem, explicitamente, as regras gramaticais, mas, devem-se criar condições de reflexões dialógicas quanto ao uso da língua.

Vale ressaltar que o que estamos defendendo nesta análise não é uma abominação dos estudos linguísticos via gramática tradicional. Não! Este não é nosso interesse, até porque reconhecemos a sua importância, o seu valor e sua necessidade de uso. Mas pregamos um estudo/ensino de língua alicerçado no equilíbrio entre gramática tradicional e gramática de usos, o que faz conceber a ideia de que a própria tradição linguística corresponde a uma variação. Esta postura também é encontrada no manual do professor, como nos mostra a Figura 07.

FIGURA 07

O que vai mudar o foco do ensino da língua é, sem dúvida, a postura teórica adotada pelo professor. Daí considerarmos os conceitos de língua, de linguagem e de textos aqui arrolados como essenciais. Isso porque, para o ensino, é importante saber o que queremos ensinar e, principalmente, para quê.

Longe da ideia do ensino de gramática tradicional, de regras, exposição de conceitos estanques, do que é certo e errado como ainda ocorre em alguns contextos, a proposta defendida pela coleção é a de que o conteúdo gramatical seja (re)construído por meio da interação professor-aluno. Nesse sentido, a seção **Estudar a língua** apresenta o conteúdo gramatical selecionado em um determinado texto e, a partir do uso, são desenvolvidas várias questões para que se chegue ao conceito e seu uso no texto, objetivo último do trabalho.

A partir do conceito construído, acreditamos que o aluno poderá interagir com outros textos e tornar-se autor de suas leituras, produtor de seus textos. Essa ideia retoma o que já discutimos: a língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação de um ser isolado, mas, sobretudo, pelo fenômeno social, dialógico, de interação verbal.

(Manual do professor, 2009, p. 15)

O papel do professor para o manual é refletir o uso gramatical, “*selecionado a um determinado texto*” para que se chegue a um conceito e logo fique reconhecido que “*a língua não é construído por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação de um ser isolado, mas, sobretudo, pelo fenômeno social, dialógico, de interação verbal*” (p. 15).

Neste fragmento, é possível identificar, nitidamente, a interferência da Teoria Dialógica da Linguagem de Bakhtin e do Círculo na construção teórica do manual didático do livro em análise. Teoria que entende que o discurso é a vida verbal em movimento ou a prática de linguagem designando um conjunto de enunciados que se relacionam entre si e que possuem sentidos demarcados. Por este entendimento, não podemos conceber o fato linguístico como sendo uma realidade apenas física, pois partimos da noção de que seria necessário incluí-lo numa esfera social para constituir-se um fato de linguagem,

compreendendo-se que as unidades dos meio social e contextual são indispensáveis à construção de redes de sentidos.

Nesse posicionamento, em se tratando do aluno, o mesmo passa a ter autonomia em decidir “*que recurso linguístico usará para construir os sentidos que deseja*” (p. 15):

FIGURA 08

A gramática estará, portanto, ligada às práticas de leitura e de produção de texto. Para a leitura, o conhecimento gramatical será fundamental na medida em que o aluno aplicar o que aprendeu para entender nuances de sentido, opções de construção linguística etc. Ler deixa de ser automatizado, e se torna construção de sentidos. Em relação à produção, o sujeito-aluno poderá decidir que recurso linguístico usará para construir os sentidos que deseja. Produzir deixará de ser artificial, entretanto, somente quando o professor circular os textos e o aluno perceber que o uso gramatical foi fundamental para a interação do texto dele com outros leitores.

(Manual do professor, 2009, p. 15)

Dentro desse contexto, o manual torna claro o que objetiva a coleção: ampliar os horizontes dos alunos “aprimorando-os e abrindo-lhe portas sociais”:

FIGURA 09

A coleção que ora se apresenta defende um ensino de língua que focaliza o discurso e suas práticas de leitura, escrita, análise linguística e estudo dos gêneros textuais orais e escritos. Enfim, acreditamos numa abordagem que leve o aluno a ampliar seus horizontes discursivos, aprimorando-os e abrindo-lhe portas sociais.

(Manual do professor, 2009, p. 15)

Assim, é visível a posição da escola e do professor com relação ao ensino e uso da língua, devendo haver o reconhecimento das variações na língua, descartando a ideia de correção das variedades linguísticas e, como consequência, descartando o preconceito linguístico. É importante que haja uma reflexão acerca do valor que tem a língua e suas variedades, partindo do professor, através do direcionamento de suas aulas com o diálogo e questionamentos.

Para Bagno (2002), deve partir do professor uma mudança de atitude: ao invés de repetir, ele precisa refletir e, sobretudo, lançar dúvidas, questionar até que o aluno reflita e modele sua opinião, e descarte as afirmações preconceituosas que determinada classe social

fala errado ou correto. Daí a necessidade de uma formação de professores, seja ela inicial e/ou continuada, que esteja atualizada com a concepção teórico-metodológica sociointeracionista de língua e de ensino de língua.

Com relação ao manual do professor, ainda identificamos uma sessão que acentua este posicionamento teórico, apresentando ao professor orientações a este respeito em um capítulo específico do livro, como nos apresenta a figura a seguir.

FIGURA 10

A essas opções, Bagno acrescenta a possibilidade de o professor investigar as origens sociais e regionais dos alunos e partir desse material para realizar um estudo dessas variedades usando gravações de algumas falas de alunos ou de seus parentes. Nos termos de Bagno (2007), "o mais importante de tudo é preservar, no ambiente escolar, o respeito pelas diferenças linguísticas, insistir que elas não são 'erros' e até mesmo tentar, na medida do possível, mostrar a lógica linguística delas". Ainda no livro *Nada na língua é por acaso...*, no capítulo "Com a mão na massa", há algumas sugestões para aplicação desse trabalho na sala de aula.

Por fim, apresentamos a síntese feita pelo autor a respeito de algumas definições importantes para este trabalho e evitar confusões com as nomenclaturas usadas para definir a norma-padrão. Para Bagno (2007), "não se pode confundir a norma-padrão com a norma culta: são duas entidades sociolinguísticas muito diferentes. A norma culta é um conjunto de variedades linguísticas efetivamente empregadas pelos falantes urbanos, mais escolarizados e de maior renda econômica, e nelas aparecem muitos usos não previstos na norma-padrão, mas que já caracterizam o verdadeiro português-brasileiro prestigiado. É preciso reconhecer na realidade sociolinguística brasileira dois grandes conjuntos de variedades, as prestigiadas e as estigmatizadas, sobre as quais se impõe um modelo idealizado e ideologizado de 'língua certa', a norma-padrão clássica [...]". Assim, segundo o autor, "a norma-padrão não corresponde a nenhum uso real da língua, constituindo-se muito mais como um modelo, uma entidade abstrata, um discurso sobre a língua, uma ideologia linguística que exerce evidentemente um poder simbólico sobre o imaginário dos falantes em geral [...]".

Para representar essa explicação, Bagno (2007) apresenta a ilustração a seguir e sobre ela comenta: "(por isso coloquei ela dentro de uma nuvenzinha de pensamento abstrato, como nas histórias em quadrinhos)".



Marcos Bagno, *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola-Editorial, 2007.

» Sobre os níveis de linguagem e o trabalho com produção de texto

Língua oral e língua escrita / Registro formal e informal

É importante expor que a coleção considera o fato de que é equivocado supor que a variação linguística ou o nível de linguagem informal só atinge a língua oral. Ao contrário, nas atividades de leitura e produção textual desta obra, o aluno é convidado a perceber os diferentes registros, tanto orais quanto escritos e também a empregar um nível de linguagem mais ou menos formal de acordo com a situação comunicativa em que se encontra. Observe dois exemplos de planejamento de produção de texto em que isso ocorre.

Como vimos, a *etapa de planejamento*, o manual do professor, resgata uma concepção de ensino de língua que defende o social como requisito importante ao entendimento dos fenômenos languageiros, o que nos oportuniza vincular este manual a uma perspectiva de ensino de língua que adere aos postulados da sociolinguística. É notória nos discursos apresentados no manual a interconexão de posturas que admitem as variações linguísticas como produtivas práticas de linguagem que alimentam os usos efetivos da língua em contextos reais de interação: característica que imprime os objetivos da sociolinguística.

A seguir, apresentamos a análise da *etapa de apresentação* do livro didático que configura o *corpus* deste trabalho.

Logo abaixo da tira, seguem alguns questionamentos em incentivo ao raciocínio e ao conhecimento prévio dos alunos em relação à variedade linguística. O modo como Marieta corrigiu o anjo da guarda foi questionado na atividade de compreensão. Pode-se observar que segue uma apresentação evidenciando a variedade linguística, partindo do conceito em que Marieta indica o uso de uma língua baseada nas normas gramaticais, tomadas pela sociedade como padrão. Portanto, através destas, foi aberto espaço para que o professor dialogue com os alunos sobre casos de variedade linguística tomada como padrão e não padrão.

Assim, as informações apresentadas são:

- Norma padrão e não padrão
- A língua varia ou o modo de falar, dependendo do grupo social a que pertence o falante, ou em que situação comunicativa se encontra o falante (variação estilística).

O conhecimento das variações da língua permite que o falante se comunique de maneira adequada, por isto há vários fatores que determinam as variações linguísticas:

- Variação histórica: corresponde à época em que o falante vive e às mudanças das palavras como no caso da palavra “você” que passou por várias transformações no decorrer do tempo (vossamecê = vosmecê = ocê = você);
- Variação geográfica: refere-se ao lugar em que o falante vive durante certo tempo e ao sotaque;
- Variação sociocultural: corresponde ao grupo social de que o falante faz parte e às condições sociais, isto é, a posição que um falante exerce na sociedade (classe média, baixa ...), as questões das flexões (conjugações) dos verbos, o convívio que o falante tem com outras pessoas. É nesse âmbito que entra a escola, onde uma das principais funções é oferecer ao estudante condições de dominar as estruturas (regras) da língua padrão, mas que a escola ensine ao discente uma nova variedade, porém sem desprestigiar a dele.

Todavia, se acredita que em diferentes tipos de situação tem-se ou deve-se usar a língua de modos variados, não há porque, ao realizar as atividades de ensino/ aprendizagem da língua materna, insistir no trabalho apenas com uma das variedades, a norma culta, discutindo apenas suas características e buscando apenas o seu domínio em detrimento das outras formas de uso da

língua que podem ser mais adequadas a determinadas situações.
(TRAVAGLIA, 1998, 41)

É necessário que a escola seja/esteja aberta à pluralidade dos discursos com o objetivo de desenvolver a competência comunicativa dos usuários da língua. Existe uma gama de variedades linguísticas, mas ao passo que se reconhece a variação linguística como um fato, é sabido que a nossa sociedade considera a variação numa escala valorativa, ou até moral, tachando os usos característicos de cada variedade como certos ou errados, aceitáveis ou inaceitáveis, cômicos pitorescos, enfim, dando prioridade sempre a norma padrão da língua.

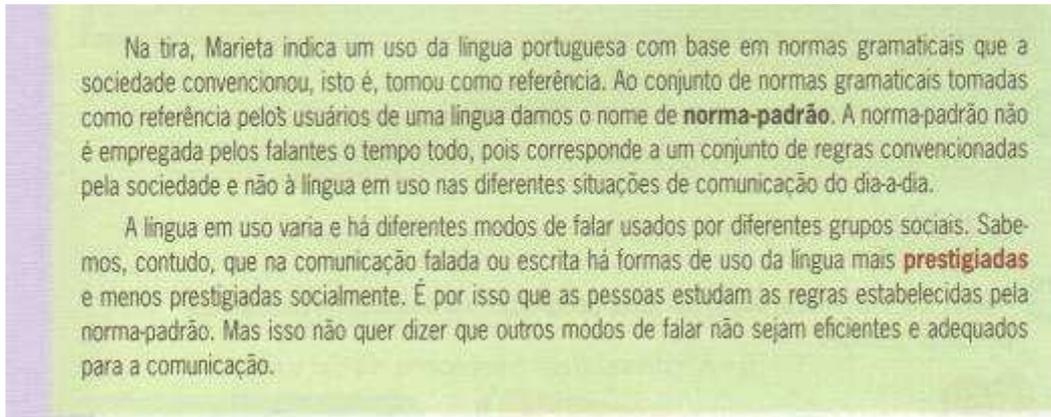
Não cabe o argumento de trabalhar apenas com a norma culta porque o aluno já domina as demais: isso não é verdade, uma vez que o aluno quando chega à escola, pode dominar bem uma ou duas variedades e alguns elementos de vários, mas sempre tem muito que aprender de diversas variedades, inclusive das que domina. (TRAVAGLIA, 1998, 41)

Faz-se necessário considerar os diversos usos da língua, bem como a relatividade desses usos em relação a situações concretas de interações. Os agentes pedagógicos devem rever o privilégio que a escola sempre conferiu à função informativa ou referencial da linguagem, atentando para os seus vários modos de funcionamento e para tantas outras funções que ela preenche.

É preciso ultrapassar a visão da língua como um código, elemento do processo comunicativo, cuja aprendizagem bastaria o domínio de um imenso conjunto de regras, e poder, assim, compreender sua natureza complexa e contraditória, suas relações com as noções de registro e variação, seus aspectos sociofuncionais.

Esta discussão pode ser verificada na leitura da próxima figura.

FIGURA 12



(Livro didático, 2009, p. 29)

Dando continuidade ao estudo, outra tira é apresentada ao aluno: a tira de “A turma do Xaxado”, que traz um diálogo entre os garotos Xaxado e Zé Pequeno. Nela há questões de reflexão sobre a variedade linguística no Brasil, a norma padrão e não padrão que é existente na sociedade e também que induz o aluno a perceber o meio social determinante para o uso da linguagem.

FIGURA 13



(Livro didático, 2009, p. 29)

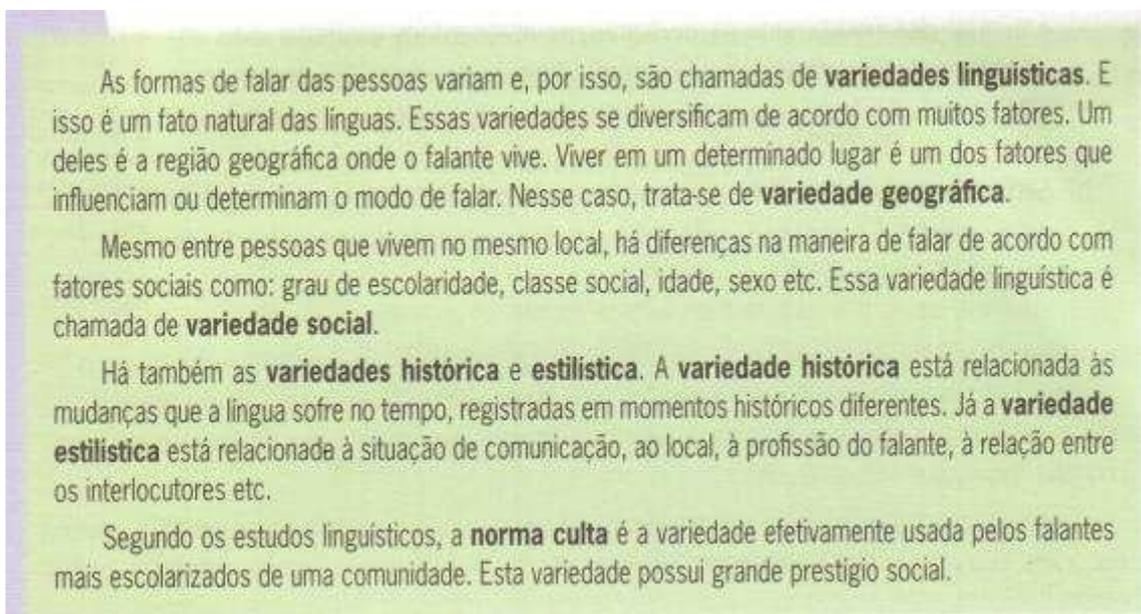
Nota-se, ainda, que o autor procurou fixar e tornar mais clara ao aluno esta questão da “variedade linguística”, esclarecendo a variedade como um fato natural e que se diversifica em consequência de inúmeros fatores, como ficou esclarecido:

- Variedade Geográfica (região em que o falante vive)

- Variedade Social (diferentes maneiras de falar de acordo com o grau de escolaridade, classe social, idade e sexo)
- Variedade histórica (mudanças que a língua sofre com o tempo)
- Variedade estilística (situação de comunicação que o falante se encontra)

Os tipos de variedade podem ser identificados na Figura 14.

FIGURA 14



(Livro didático, 2009, p. 31)

Percebemos que há também no livro uma preocupação de como o professor está dialogando e refletindo a questão da variedade linguística com o aluno. Tal preocupação se apresenta no texto escrito, em vermelho, para o professor como forma de uma orientação específica e pontual, conforme veremos na figura que se segue

FIGURA 15

Professor, com as observações a respeito dos falares das duas personagens não se pretende sobrepor uma maneira de falar à outra ou contestar a forma de empregar a língua usada pelo falante do campo à forma de falar do falante da cidade. Ao contrário, o exemplo demonstra que, embora as duas personagens residam no campo elas falam de modos diferentes. Além disso, os exemplos servem apenas para ilustrar que ninguém emprega a língua exatamente de acordo com a norma padrão pois, como vimos, a norma padrão corresponde a um conjunto de regras convencionalizadas e não à língua em uso nas diferentes situações de comunicação do dia-a-dia. Assentamos, ainda, que os falares presentes em textos empregados na coleção são exemplos literários de falares reais, pois não os reproduzem, mas apenas os representam. Veja, no Manual fundamentações teóricas sobre o assunto e sugestões de aulas com transcrições de textos orais e atividades para aprofundar as reflexões desta capítulo.

Níveis de linguagem: formal x informal

Leia a fala das personagens nos quadrinhos A e B.

A

Ele não quis falar, Lupercio, mas eu sei que nessas garrafas tem uma grande reportagem.

Você não sossega, hein? Por você, lá lá de noite e fazia um fuço sozinha, né?

UNIVERSIDADE FEDERAL
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

B

- OS TESTES DE CARBONO 14 PROVAM QUE SÃO DO SÉCULO XVI E O PAPEL DAS MENSAGENS É DO MESMO PERÍODO.
- E O QUE DIZEM AS MENSAGENS, PROFESSOR?

- SÃO DE UM NAUFRAGO PORTUGUÊS MAS SEU CONTEÚDO É UM TANTO... INUSITADO, FICARÃO AINDA EM ESTUDO, GUARDADAS AQUI EM MEU DEPARTAMENTO. NADA MAIS A DECLARAR, OBRIGADO.

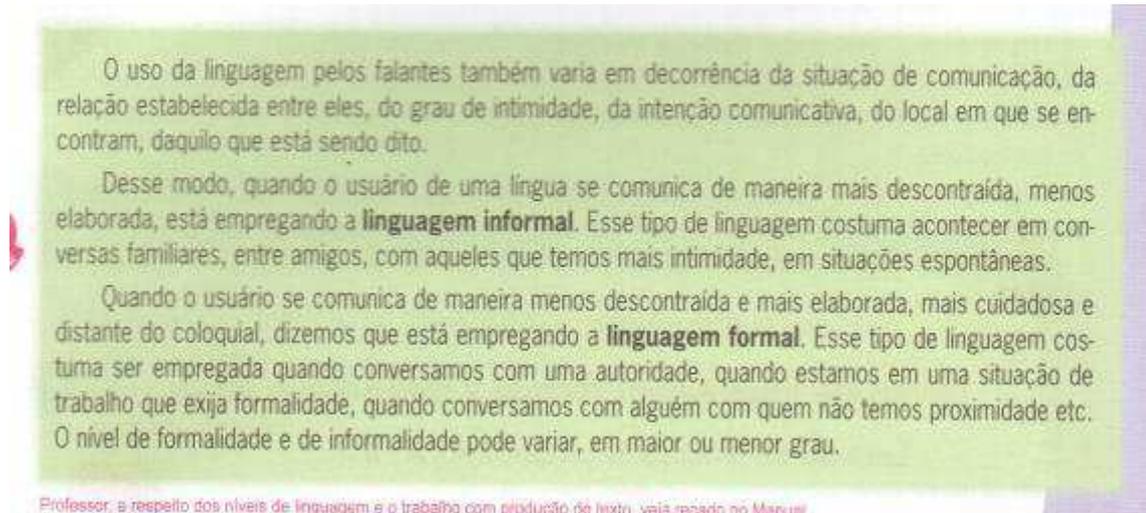
Lailson de Holanda Cavalcanti. Pingorama: a outra história do Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.

(Livro didático, 2009, p. 31)

Dando continuidade e reforçando o assunto, é apresentado o tópico “Níveis de linguagem forma x informal” e seguindo dois quadrinhos de Lailson de Holanda Cavalcanti com questionamentos sobre em que situação de comunicação é comum usar a linguagem.

Para reforçar o tópico e os questionamentos, ainda é apresentada mais uma nota, esclarecendo ao aluno os tipos de linguagem e em que situação de comunicação usá-la, como também é dada ao professor a orientação, escrita em vermelho atentando ao que lhe é direcionado no manual.

FIGURA 16

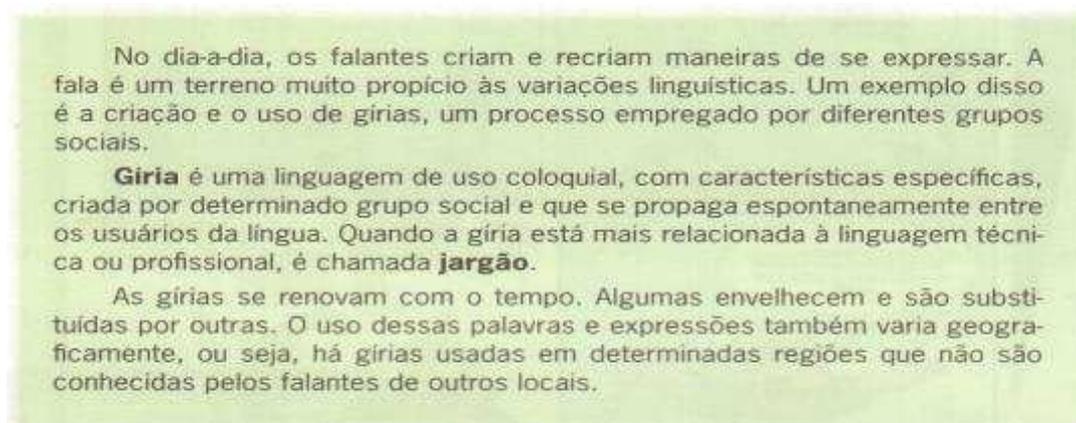


(Livro didático, 2009, p. 32)

Vemos nitidamente na Figura 16, em específico no texto em vermelho, a correlação que o autor estabelece entre a *etapa de planejamento* – o manual do professor – e a *etapa de apresentação* – o livro didático. Para completar, o livro apresenta itens que reforçam e enriquecem as ideias sobre o tema, além da “A Língua e suas variações”, “Variedade Linguística” e “Níveis de linguagem forma x informal” também são inseridos itens sobre variedades linguísticas em sessões como “As Gírias” e “Português de Portugal e Português do Brasil”.

Para chamar a atenção sobre o tema e aproximar ao contexto social dos alunos são expostos textos que estão próximos da realidade das gírias, como também um lembrete quanto ao uso e influência deste uso percebido na próxima figura.

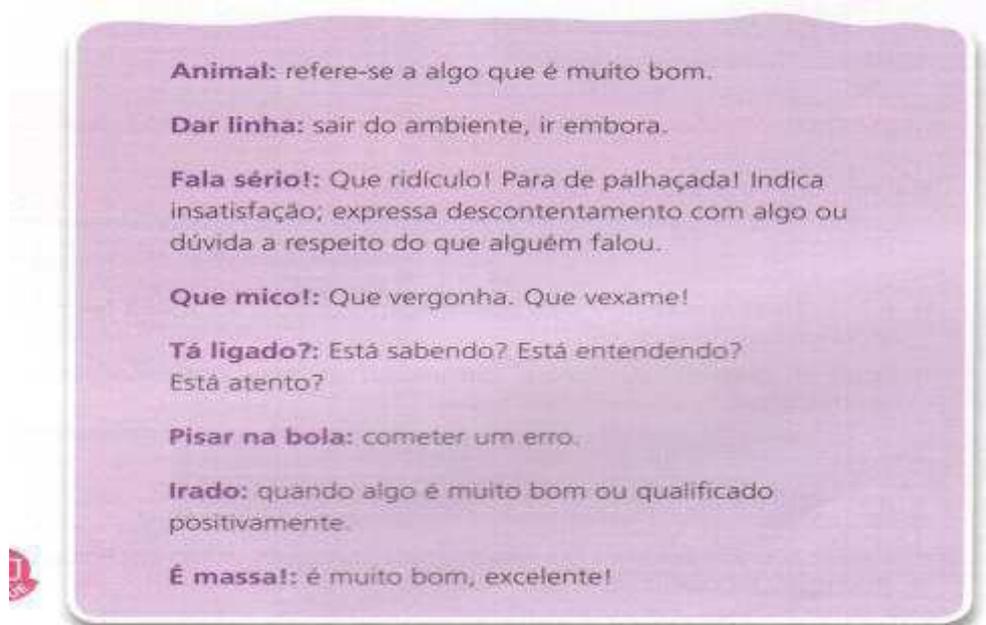
FIGURA 17



(Livro didático, 2009, p. 33)

E ainda traz exemplos para em que os alunos discutam sobre termos usuais em seu meio ou região.

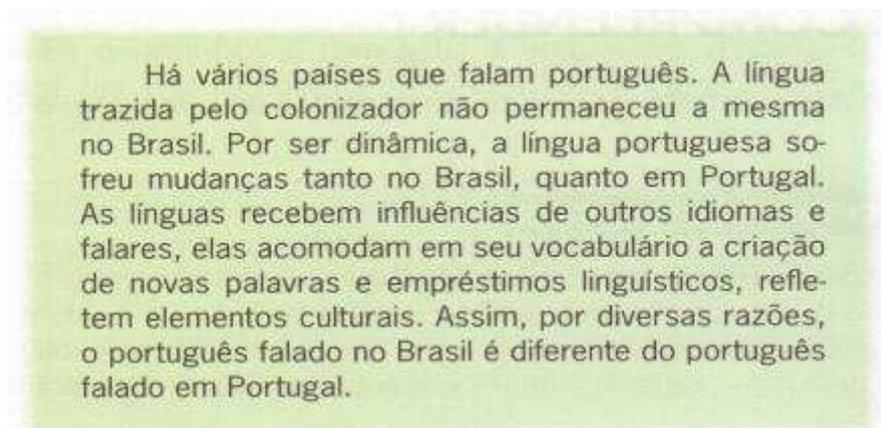
FIGURA 18



(Livro didático, 2009, p. 33)

Para concluir a discussão do “Estudar a língua”, ainda é apresentada a sessão “Português de Portugal e português do Brasil”. No sentido de tornar mais clara esta relação, é inserida informação contida na Figura 19 que, inclusive, corrobora o que afirma Bagno (2002) quanto ao o mito de que brasileiro não sabe português e apenas os portugueses o sabem.

FIGURA 19



(Livro didático, 2009, p. 35)

Durante toda esta unidade percebemos que o autor procurou utilizar métodos que chamem a atenção dos alunos em relação ao tema, tentando esclarecer as variantes da língua portuguesa, em que a variedade não pode ser tratada com preconceito, mas, em suma, deve ser vista com valor e importância desde que utilizadas em situações adequadas. Discussões reflexivas sobre os diferentes usos da língua que não se resumem a respostas mecânicas, mas que instigam o aluno a pensar sobre a língua e suas variações.

É sob esta perspectiva que também identificamos na *etapa de apresentação* uma forte influência de uma prática de estudos linguísticos permeada pela concepção sociointeracionista. A forma metodológica e didática como o autor do livro expõe à temática e a exemplifica denuncia tal filiação com as tendências contemporâneas da linguística que visam cada vez mais entender a língua a partir de práticas inerentemente sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões realizadas no decorrer deste trabalho podemos refletir o reconhecimento da variação linguística que é de suma importância para que a língua seja percebida como, de fato, social. As variedades linguísticas são as variações que uma língua apresenta de acordo com as condições sociais, culturais, regionais e históricas em que é utilizada, as quais se encontram muito presentes em nossa sociedade e de uma forma bastante explícita e que reclamam por ser difundidas pela escola como meio de evidenciar um ensino de língua verdadeiramente em uso.

Com as investigações realizadas no decorrer desta pesquisa relacionada à variedade linguística abordada no livro didático de Português e, portanto, apresentadas aos estudantes e no manual didático direcionado aos docentes, podemos perceber que é notória a preocupação e a reflexão do autor quanto ao reconhecimento da variedade linguística a partir de uma discussão situada no contexto social, histórico, regional e estilístico. Este direcionamento se dá desde a *etapa de planejamento*, em que o autor trava uma “conversa” com o professor em relação à concepção de linguagem, até o livro didático propriamente dito – *etapa de apresentação* –, em que a “conversa” se estabelece, sobretudo, tendo como horizonte de expectativa de interlocução com o aluno.

No tocante ao manual do professor, o autor nos oportunizou observar orientações dadas que convidam a utilização pedagógica de métodos que despertem a reflexão sobre o uso da linguagem com suas variantes, deixando de lado métodos tradicionais, inclusive, de constrangimentos no uso da língua, o que gera o preconceito linguístico. No que concerne ao apresentado no livro também verificamos um direcionamento que estimula a utilização das variedades nas metodologias de ensino de língua. Através do seu aprofundamento e discussões reflexivas quanto à abordagem da variação linguística no livro didático e no manual, que em tantas vezes passa despercebido, o autor alcançou sucesso através do seu diálogo com o próprio docente, no manual, como na sua forma metodológica e didática abordada no livro didático.

E assim, ampliou meu olhar quanto professora. Essa investigação da variação linguística no livro didático, condicionou a minha postura, de levar nossos alunos a se constituírem “bons motoristas da língua” através de condições reflexivas e tornou mais próximo os meus anseios de se alcançar os objetivos dados a escola.

No entanto, enfatizamos que o livro didático é um instrumento de auxílio para o professor e não deve ser visto como o único meio a ser utilizado no processo de ensino-aprendizagem. Mas por se constituir um instrumento que merece a atenção de pesquisas desta natureza, que o conceba como objeto de estudo.

Nossa intenção aqui foi, justamente, descrever como a variação linguística recebeu atenção por parte do livro de Sargentim. Nossa análise, apesar de tímida, pretendeu colocar no centro da discussão possibilidades pedagógicas que incentivem reflexões sociolinguísticas, reflexões que compreendam a língua como heterogênea e flexível. Não como um caos, mas como resultado dos usos que são, essencialmente, contextualizados e dinâmicos.

Defendemos que só dessa forma o ensino de língua materna terá como horizonte de expectativa uma concepção sociointeracionista de linguagem. Eis o que nos move investigar – e continuar investigando em pesquisas futuras que certamente virão – o livro didático de Português na tentativa de cada vez mais construirmos conhecimentos didáticos sobre a língua dentro da visão de práticas sociais.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, T. M. Sociolinguística. Parte I. In: MUSSALIM, F.; ANNA, C. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras – volume II**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006, p. 21-48.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2002.

_____. Introdução: Norma linguística e outras normas, In: _____. (Org.). **Norma Linguística**. São Paulo: Loyola, 2001, p. 09-21.

_____. “Não põe corda no meu bloco”. In: _____. **Português ou brasileiro: um convite à pesquisa**. São Paulo: Parábola, 2000, p. 15-40.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BECHARA, E. **Ensino da gramática**. Opressão? Liberdade? 11. ed. São Paulo: Ática, 1999.

BRONCKART, J. P. **O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores**. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

_____. Os gêneros de textos e os tipos de discurso como formatos das interações propiciadoras de desenvolvimento. In: MACHADO, A. R., MATÊNCIO, M. L. L. (Orgs.) **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2006, p. 121-160.

_____. **Atividades de linguagem, textos e discursos – por um interacionismo sócio-discursivo**. Tradução de Anna Rachel Machado; Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.

CASTILHO, A. T. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CHALITA, G. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Editora Gente, 2004.

CORBEIL, J. C. Elementos de uma teoria da regulação linguística. In: BAGNO, M. (Org.). **Norma Linguística**. São Paulo: Loyola, 2001, p. 175-201.

FARACO, C. A. O Brasil entre a norma culta e a norma curta. In: BAGNO, M.; LAGARES, X. C. (Orgs.). **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2011, p. 259-276.

GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.

GIL, A. C. Como delinear uma pesquisa documental? In: _____. **Como elaborar projetos de pesquisa?** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: **Língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Ministério da Educação. Brasília, 1997.

POSSENTI, S. Sobre o ensino de português na escola. **Revista Novos Estudos**. CEBRAP. São Paulo, v.2, v. 3, p.64-69, Nov. 1994.

RAJAGOPALAN, K. A norma linguística do ponto de vista da política linguística. In: BAGNO, M.; LAGARES, X. C. (Orgs.). **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2011, p. 121-127.

SARGENTIM, H. Linguagens em quadrinhos. In: Linguagens e textos . 6º ano, 1. ed. São Paulo , Companhia nacional, 2009.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e Interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

XAVIER, M. M. Os gêneros entrevista e crônica no livro didático de português: um olhar sobre as propostas de produção escrita à luz do interacionismo sociodiscursivo – do orientado no manual ao apresentado no livro. In: ARANHA, S. D. G.; ASSIS, D. L. (Orgs.). **A língua e seu funcionamento**: entre o texto e o discurso. João Pessoa: Ideia, 2012, p. 193-216.